

# Castro Alves – A cachoeira

Mas súbito da noite no arrepio  
Um mugido soturno rompe as trevas...  
Titubantes – no álveo do rio –  
Tremem as lapas dos titães coevas!...  
Que grito é este sepulcral, bravio,  
Que espanta as sombras ululantes, sevas?...  
É o brado atroador da catadupa  
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lodo fértil das paragens  
Onde o Paraguaçu rola profundo,  
O vermelho novilho nas pastagens  
Come os caniços do torrão fecundo;  
Inquieto ele aspira nas bafagens  
Da negra suc'ruiuba o cheiro imundo...  
Mas já tarde... silvando o monstro voa...  
E o novilho preado os ares troa!

Então doido de dor, sânie babando,  
Co'a serpente no dorso parte o touro...  
Aos bramidos os vales vão clamando,  
Fogem as aves em sentido choro...  
Mas súbito ela às águas o arrastando  
Contraí-se para o negro sorvedouro...  
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,  
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante  
– Larga sucuruiuba do infinito –  
Co'as escamas das ondas coruscante  
Ferrara o negro touro de granito!...  
Hórrido, insano, triste, lacerante  
Sobe do abismo um pavoroso grito...  
E medonha a suar a rocha brava  
As pontas negras na serpente crava!...

Dilacerado o rio espadanando  
Chama as águas da extrema do deserto...  
Atropela-se, empina, espuma o bando...  
E em massa rui no precipício aberto...  
Das grutas nas cavernas estourando  
O coro dos trovões travam concerto...  
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas  
Caem de horror no abismo estateladas...

A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!  
A briga colossal dos elementos!  
As garras do Centauro em paroxismo  
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.  
Relutantes da dor do cataclismo  
Os braços do gigante suarentos  
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)  
O rio inteiro, que lhe cai do ombro.

Grupo enorme do fero Laocoonte  
Viva a Grécia acolá e a luta estranha!...  
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...  
E as serpentes de Tênedos em sanha!...  
Por hidra – um rio! Por áugure – um monte!  
Por aras de Minerva – uma montanha!  
E em torno do pedestal laçados, tredos,  
Como filhos – chorando-lhe – os penedos!!!...

**Castro Alves, Melhores poemas**